

A percepção do corpo feminino e masculino através do olhar das crianças: uma experiência em sala de aula¹

Érica Rodrigues do Nascimento AUGUSTINI²

Célia Regina ROSSI³

Introdução

A transformação biológica dos corpos – do homem e da mulher – ocorre num processo, por muitos considerado natural, marcado pela passagem das fases de desenvolvimento teorizadas por alguns estudiosos e transportadas para os livros didáticos adotados pelas instituições de ensino. Tais conteúdos costumam estar veiculados às disciplinas de Ciências e Biologia, tidas como responsáveis pelos assuntos ligados à higiene pessoal, saúde do corpo, desenvolvimento físico e reprodução humana.

Com o avanço das pesquisas científicas, tanto na área educacional quanto em outras áreas do conhecimento, fatores vinculados aos aspectos afetivos, psíquicos e emocionais também foram ganhando notoriedade. O biólogo Jean Piaget, apesar de não ter desenvolvido suas pesquisas visando contribuir

¹ Artigo enviado ao 10º prêmio do Concurso *Construindo a Igualdade de Gênero* em 17/03/2015. Disponível em: <<http://www.igualdadedegenero.cnpq.br/igualdade.html>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

² Mestre em Educação Sexual. FAIBI - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ibitinga. Ibitinga - SP – Brasil. 14940-000 - ericaaugustini@yahoo.com.br

³ Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão sobre Sexualidades (GSEXs). UNESP – Universidade Estadual Paulista. Instituto de Biociências - Departamento de Educação. Rio Claro – SP – Brasil. 13506-900 celiarr@rc.unesp.br

diretamente para a educação, movimentou o cenário científico da época a partir de suas descobertas sobre as etapas de desenvolvimento da criança, das quais tiveram – e ainda tem – muita relevância para o ensino. Todavia, autores da educação, sociologia, psiquiatria e psicologia, do fim do século XIX, em seus estudos, tais como, Vygotsky, Montessori, Freinet, Freud, dentre outros, já iniciaram uma grande discussão ampliando os conhecimentos acerca dos fatores psíquicos, afetivos, sociais e sexuais para além do aspecto biológico, cada qual com suas particularidades, culminando em novas concepções de ensino que são utilizadas nos cursos de formação de professores.

A intenção deste estudo consistirá em perpassar por tais descobertas concernentes aos aspectos mencionados acima, mais precisamente aos que se inserem no campo da sexualidade, porém entendendo todos eles como dimensões indissociáveis ao ser humano. A autora Jagstaidt (1987) é uma das defensoras desta ideia, pois acredita na união do desenvolvimento intelectual e dos conhecimentos psicanalíticos, num processo de inter-relação entre a vivência e o cognitivo.

E nesse sentido, o distanciamento entre o racional e o emocional que impera em nosso meio, sobretudo nas instituições escolares, constituirá o cerne da discussão que seguirá mais adiante. Entretanto, será apresentada uma experiência didático-pedagógica para que possa ser repensada e replicada nas escolas, ajustando-se a cada realidade em que se encontra.

Para elucidar melhor os níveis de desenvolvimento da mente humana a partir de Freud, citado no livro de Guimarães (1995, p. 46), apresenta-se “[...] O ID, que é a fonte primária instintiva básica da libido; o EGO, que é o nível racional e que coloca na realidade; e o SUPEREGO, o nível moralizador, é a consciência que internaliza a repressão em regras e princípios.”

A autora acima segue explicando a teoria de Freud ao relatar que as fases de desenvolvimento da energia afetiva (libido) são progressivas e movem o organismo em busca da realização de seus objetivos. “Esta energia estaria subdividida em quatro fases: oral, anal, fálica e genital, que serão explicitadas no decorrer do texto.” (GUIMARÃES, 1995, p. 46).

Questões como às representações corporais, estereótipos, heteronormatividade, relações de gênero, identidade sexual ou de gênero, educação em sexualidade, dentre outros também farão parte das discussões, visto que tais abordagens, de alguma maneira, se entrelaçam e traduzem os espaços sociais que constituem o ser humano num processo dialético.

Algumas conceptualizações acerca de terminologias relacionadas com o tema da pesquisa

A busca pela compreensão de determinados termos empregados na literatura relacionada à Sexualidade e a Educação em Sexualidade se faz necessária, uma vez que a tênue similitude pode provocar alguns equívocos com fortes implicações. Procurou-se utilizar apenas algumas autoras da área para evitar possíveis distorções ou evasões de entendimentos.

Iniciando com a palavra sexo, a autora Isaura Guimarães (1995, p. 23) esclarece que “Sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física entre o homem e a mulher e da atração de um pelo outro para a reprodução.”

Os conflitos gerados pelo uso generalizado dos termos, sobretudo, em situações distintas, fizeram com que um grupo de feministas anglo-saxãs se preocupasse em estabelecer diferenciações entre sexo e gênero, por mais sutis que eles pudessem parecer. Para isso foi preciso esquivar-se do determinismo biológico, visando colocar o conceito de gênero no campo das relações sociais. Porém, Louro (1997, p. 22) reflete que,

[...] ao dirigir o foco para o caráter “fundamentalmente social”, não há, contudo, a pretensão de negar que o gênero se constitui com ou sobre os corpos sexuados, ou seja, não é negada a biologia, mas enfatizada, deliberadamente, a construção social e histórica sobre as características biológicas.

A autora ainda acrescenta que analisar o conceito inserido no campo social justifica-se porque as desigualdades de gênero existentes nas sociedades são construções relacionais, muitas vezes reduzidas a explicações de fundo biológico, fato que resulta no aumento da desigualdade e, consequentemente, na dicotomia social.

Seguindo este raciocínio, Louro (1997, p. 31) cita uma grande pesquisadora do feminino americana, dentro de uma abordagem pós-estruturalista Joan Scott, para expressar que homens e mulheres, nas análises sociais, são comumente concebidos em campos opostos. Subjacente a esta ideia encontra-se uma lógica intransponível de “dominação-submissão”.

Outro termo também muito polêmico é identidade sexual ou de gênero que, segundo a autora Guimarães (1995, p. 25), “[...] Contém a identidade genital, a identidade de gênero e a orientação afetivo-sexual”. Ela destaca ainda que, perceber-se enquanto homem ou mulher, assim como a escolha dos relacionamentos homo ou heteroeróticos são provenientes da junção destas três dimensões.

Guimarães (1995) também explica sobre o termo sexualidade, anunciando que ele é oriundo do século XIX e deve ser compreendido num sentido mais amplo, abrangendo os sentimentos vinculados a diversas sensações produzidas no indivíduo.

Sobre tal assunto, Chauí (1984, p. 10) discorre que temos, assim,

[...] um fenômeno curioso, qual seja, o de que algo suposto ser meramente biológico e meramente natural (sexo), sofre modificações quanto ao seu sentido, à função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história.

De acordo com a cultura produzida em nosso meio social, as relações entre os gêneros masculino e feminino mantém um desequilíbrio proveniente da nossa sociedade patriarcal, resultando em uma heteronormatividade que, conforme salienta Santos (2007, p. 5), constitui “[...] determinados modos de ser que não precisam estar ditos de forma explícita, mas que operam em distintas redes na cultura (nas relações sociais, nos currículos, nas pedagogias culturais.” Esses comportamentos cristalizados colocam mulheres e homens em situações adversas, naturalizando formas de agir e pensar.

A infância e os corpos: natureza ou cultura?

O universo infantil sempre esteve envolto de diferentes significados relativos ao contexto social, cultural, econômico e político do qual pertence. Atualmente este universo vem sendo alvo de constantes preocupações no tocante a qualidade dessa infância repleta de informações, atribuições, anseios, incertezas e desestabilizações absorvidas no convívio com os adultos. Além destes aspectos, o fator biológico também se constitui como parte destas preocupações que se desencadearam por diversos motivos.

Mediante a estas questões, alguns autores situados em épocas distintas refletem as condições da criança e o conceito de infância, trazendo importantes contribuições com diferentes enfoques para o aprofundamento de pesquisas. De acordo com o livro *História social da infância e da família*, de Philippe Ariès, até a correspondência entre as classes escolares e as idades dos alunos foram baseadas na compreensão que se tinha de infância nos séculos XV, XVII e XVIII. “Considerava-se primeira infância a idade de 5-6 anos. Aos sete anos, podia entrar para o colégio.” (ARIÈS, 1981, p. 114).

Durante o século XX, as instituições de ensino foram alvo de constantes transformações em decorrência da ascensão burguesa e de outros fatores históricos. Apesar disso, a preponderância sobre a racionalização do ensino continuou no centro das atenções e persiste até os dias atuais. Nesse sentido não houve muitas mudanças, uma vez que a educação formal, sistematizada,

racionalizada, permanece sobrepujando a individualidade dos alunos e suas características de ordem afetiva e emocional.

Ao privilegiar a racionalidade e a objetividade, entende-se a escola como espaço de preparação para a vida social e para o trabalho em oposição aos demais aspectos que integram o ser humano como um todo, sobretudo quando se fala em sexualidade.

A autora Guimarães (1995, p. 35), em uma de suas obras intitulada *Educação sexual na escola: mito e realidade* apresentou uma pesquisa desenvolvida com professoras e uma de suas inferências teóricas aponta que

[...] se a sexualidade e o trabalho se antagonizam pelos níveis de racionalidade, torna-se difícil pensar em sexualidade e educação, que é um processo sistemático e racional, assim poderia parecer inócuo querer fazer uma análise científica da relação “escola e sexo”.

No entanto, a autora reforça a preocupação em estabelecer uma relação dialógica entre estas extremidades.

Estamos tomando esse risco na certeza de um espaço alternativo entre a ciência e o saber e de crer na necessidade de resgate da intuição para a libertação dos preconceitos e discriminações no processo do desenvolvimento sexual. (GUIMARÃES, 1995, p. 35-36).

De fato, conforme a pesquisa da autora aponta, esta aproximação entre o emocional e o racional revela-se possível de ser experimentada e vivenciada, uma vez que as professoras entrevistadas reconhecem as suas limitações em relação aos conteúdos sexuais e mostram-se favoráveis a implantação sistematizada desta temática no ensino, porém, não souberam dizer como isso se concretizaria, reconhecem também que a Educação Sexual precisa ser iniciada o quanto antes e que deve existir um respeito mútuo e ao mesmo tempo individual em relação ao desenvolvimento dos discentes (GUIMARÃES, 1995).

Neste ponto da discussão recupera-se as contribuições psicanalíticas de Freud mencionadas na introdução desse estudo, articuladas ao desenvolvimento cognitivo, credenciado pelos conhecimentos piagetianos.

Portanto, as fases de maturação da libido serão explicitadas sucintamente nas linhas a seguir, com o objetivo de fornecer ao leitor elementos capazes de subsidiar a compreensão das relações teóricas pretendidas.

A fase oral inicia-se na boca, desde o contato entre o bebê e a mãe durante a amamentação, configurando-se numa relação afetiva. É a experimentação de prazer por meio da estrutura sensorial.

A fase anal ocorre por volta do segundo e terceiro anos de vida, onde a libido se desloca para o controle dos esfíncteres. Coincide com o período de desenvolvimento da fala, do andar, enfim, da apreensão do mundo. Conforme consta na interpretação da autora, a relação que se funde na projeção – sensação de aceitabilidade – e no controle – sentimento de rejeição – são condições essenciais para o equilíbrio da mente humana.

A fase fálica é conhecida pela fase de curiosidade em relação aos órgãos genitais dos meninos e das meninas. Além disso, é nesta fase que os sentimentos de ciúmes, inveja, atração, amor entre filhos e pais se intensifica, caracterizando o período denominado de complexo de Édipo - para menino – e Electra – para menina. Segundo esta fase, o menino luta pelo amor da mãe e, para isso, abre disputa com o pai, mesclando sentimentos de ódio e admiração. Da mesma forma acontece com a menina em relação ao pai.

O período de latência é marcado pela transferência da repressão causado pela fase anterior para atividades de outras ordens como: o estudo formal – início da escolarização – e social.

A fase genital conferida à adolescência é definida pela aproximação do biológico e do psicológico, numa espécie de regulamentação destes aspectos, onde o erotismo culmina na área genital. Ao atingir esta fase, o adolescente torna-se capaz de estabelecer laços afetivo-sexuais e essa condição, quando bem resolvida, reflete na vida adulta, tanto na vida particular como na profissional (GUIMARÃES, 1995).

Mas de que modo o aspecto afetivo se intercrucza com o cognitivo? Para o autor Erikson, mencionado por Guimarães (1995), o processo identificatório constitui-se como o núcleo central da personalidade, decorrente de um constante movimento entre a força libidinal e o ambiente social, caracterizado por meio de estágios do desenvolvimento humano. Apreende-se, então, que a identidade sexual, masculina e feminina, externaliza as experiências particulares, que também se constituem ao estabelecerem contato com o meio social, num processo simultâneo.

Neste sentido, a autora Louro (2001, p. 11) complementa que

Através de processos culturais, definimos o que é – ou não – natural; produzimos e transformamos a natureza e a biologia e, conseqüentemente, as tornamos históricas. Os corpos ganham sentido socialmente. A inscrição dos gêneros – feminino ou masculino – nos corpos é feita, sempre, no contexto de uma determinada cultura e, portanto, com marcas dessa cultura.

Sendo a instituição escolar um dos espaços no qual a criança passa a maior parte do seu tempo (re)produzindo cultura, tal ambiente contribui para alicerçar a sexualidade humana por meio das relações interpessoais. O condicionamento

do corpo humano para práticas silenciadas da sexualidade é reforçado pelos educadores, mesmo que inconscientemente. Novamente Louro contribui com suas reflexões, expressando que “[...] A escola tem uma tarefa bastante importante e difícil. Ela precisa se equilibrar sobre um fio muito tênue: de um lado, incentivar a sexualidade “normal” e, de outro, simultaneamente, contê-la.” (LOURO, 2001, p. 26).

Outra disciplina utilizada para este fim, além da Biologia, costuma ser a Educação Física. Para obter maior clareza a este respeito, vale resgatar um pouco da sua origem.

O intercurso das práticas esportivas no Brasil, especialmente na década de 30, possibilita uma reflexão mais aprofundada acerca das intervenções exercidas no tocante a expressão corporal que se tem na atualidade, tanto em nível de decisões políticas – ao incorporar em suas diretrizes nacionais um conjunto de ações visando o desenvolvimento do corpo – quanto de sociedade, que perpassam pelos interesses políticos na medida em que mantém seus corpos regularizados socialmente.

Conforme a literatura descreve, as iniciativas governamentais e parlamentares daquela década ainda eram consideradas tímidas em comparação aos eventos patrocinados pelas organizações privadas. Entretanto, o governo Vargas conseguiu estabelecer uma nova relação entre política e corpo, com vistas ao desenvolvimento de uma educação vinculada com o civismo (PARADA, 2011).

As transformações que vinham ocorrendo no âmbito educacional em relação à formação da criança denotava o modelo de cidadão do qual a ordem nacional da época ansiava. Nesse sentido, os pedagogos envolvidos no movimento reformista da Escola Nova preocupavam-se com temas que tratassem da higiene e do cuidado com o corpo (PARADA, 2011). Subjacente a esta concepção identifica-se algumas ações políticas visando conter o alastramento de doenças nocivas que acometiam a população, sobretudo as crianças e, portanto, acreditava-se que as escolas poderiam cumprir esta função, além dos interesses comportamentais de adestramento corporal, transmitidas pelas posturas dos educadores e em seus modos de assumirem os conteúdos pedagógicos.

Atualmente as escolas não mudaram em quase nada as suas concepções acerca das condutas morais que desejam conquistar, ou melhor, desenvolver coercitivamente em seus alunos. Desse modo, a liberdade de expressão não encontra espaço para manifestar-se, comprometendo a vivência dos prazeres e desejos que poderiam ser experimentados de forma plena, não fosse o condicionamento exercido pela sociedade em busca dos padrões civilizatórios politicamente aceitáveis.

Outro fator bastante comum em nosso meio está em projetar a nossa felicidade - realização pessoal e profissional - para o futuro, criando expectativas

em relação a um tempo irreal. Não se trata de abolir nossos planos de vida, afinal, a garantia da nossa sobrevivência também depende das descobertas do ser humano, das quais as ações do presente implicam a antecipação do futuro. Acautelar estes excessos entre o hoje e o amanhã se constitui num grande desafio para os nossos tempos.

De acordo com esta ideia de futuro enquanto ideal de vida, o autor Maurício Parada (2011) relembra o desdobramento de tais objetivos para a educação, inspirados nas práticas de exercícios físicos como entretenimento social realizado em associações e clubes, conforme já foi mencionado. Na educação, estas práticas intencionavam a formação de cidadãos obedientes por meio do adestramento de seus corpos, tendo como principal argumento a preocupação com os valores morais e cívicos, construídos na infância e solidificados na fase adulta. Nessa mesma época em que surgia o movimento Escola Nova, as propostas reformistas por ela defendidos incluíam temas sobre a higiene e os cuidados com o corpo, hábitos estes também acudidos pelos médicos, bem como por outras áreas do conhecimento, como a sociologia e a psicologia infantil (PARADA, 2011). Pode-se entender que tais cuidados depositavam nos indivíduos a perspectiva de corpos saudáveis, capazes de representar e defender a sua nacionalidade sob qualquer circunstância.

Vale lembrar que estas mudanças ocorreram primeiramente no ensino secundário, estendendo-se gradativamente às escolas de cursos normais e às primárias. Além disso, o ato de projetar o ideal para um momento distante do nosso, tão valorizado pelas escolas, revela a importância dada à racionalidade humana, em detrimento às relações de cunho subjetivo e emocional.

O passado também produz emoções capazes de aprisionar a nossa realidade, tanto pelas experiências vividas – sendo elas boas ou ruins –, quanto pelo receio do desconhecido e, portanto, ficar com as lembranças do passado pode transmitir a sensação de controle sobre o tempo, uma vez que a morte assombra o ser humano e, viver o presente fazendo planos para o futuro, de alguma forma, nos aproxima dela. Além disso, a racionalização tão valorizada desde outros tempos continua exercendo o seu poder de sublimação. Nas palavras de Perez Laborde (1998, p. 67), é possível refinar essa compreensão de que

O homem moderno já não chora com seu peito, mas intelectualiza seu pesar; não geme com seu orgasmo, mas pensa se esteve bem (ou não); não ri com a barriga, nem ama com a alma. Está mais perto da morte do que da vida.

Objetivos

O objetivo geral desse estudo consistiu em descrever e analisar as concepções de crianças entre 9 e 11 anos de idade em relação a construção das imagens de masculino e feminino e seus papéis sociais.

Neste sentido, os objetivos específicos incidiram sobre a probabilidade de identificação dos estereótipos de gêneros, visando analisá-los no contexto da proposta de uma atividade destinada às crianças, em que deveriam selecionar imagens de revistas e atribuir características a homens e mulheres. Também objetivou-se compreender de que maneira as imagens de masculino e feminino são construídas dentro e fora do âmbito escolar, tanto por meio da própria atividade como também pelas justificativas verbais das crianças.

Metodologia

O presente estudo objetivou-se a investigar as percepções de crianças acerca dos corpos masculinos e femininos encontrados em revistas diversificadas, por meio de uma atividade proposta para esta finalidade. Estas crianças, com idades entre nove e onze anos, estão matriculadas no 4º ano do ensino fundamental I, em uma escola estadual localizada no interior do estado de São Paulo. Participaram desta pesquisa 22 estudantes do 4º ano do ensino fundamental I, sendo 12 meninas e 10 meninos. Porém, a sala é composta por 26 alunos, sendo 14 meninos e 12 meninas, mas quatro deles – três meninos e 1 menina – haviam faltado neste dia.

De acordo com a legislação vigente – Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005 (BRASIL, 2005), que tornou obrigatória a matrícula de crianças com seis anos de idade (ou perto de completar) no 1º ano do ensino fundamental I, ampliando os ciclos I e II de oito para nove anos a partir de 2006, por meio da Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006 (BRASIL, 2006), a idade das referidas crianças correspondem ao período subsequente aos anos anteriores, variando entre nove e dez anos.

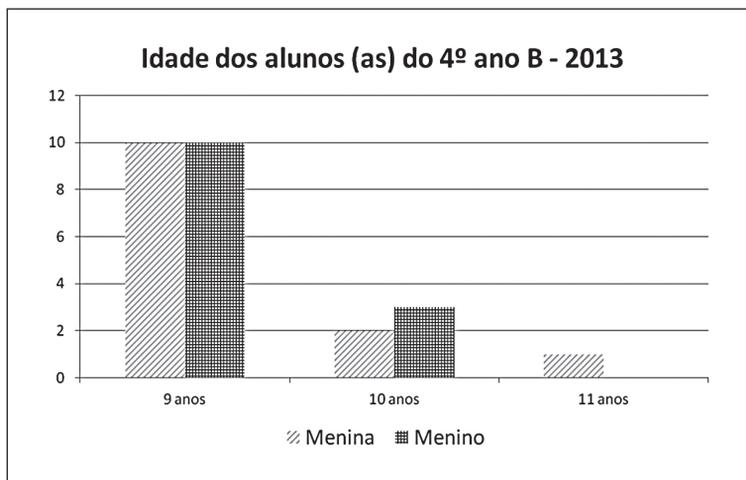
Apenas uma aluna tem onze anos por motivo de evasão escolar. Aquelas crianças que têm 10 anos justificam-se porque tiveram que ingressar no ensino fundamental com seis anos pelo fato de completarem idade apenas no segundo semestre do ano escolar.

A pesquisa contou com uma revisão literária de cunho qualitativo, pois como descreve o autor Martins (2012, p. 68), é “[...] A busca, em todas as fontes possíveis, do que já foi escrito sobre o tema em estudo; é a fundamentação do seu trabalho.”

Além da revisão bibliográfica, o estudo configurou-se também em uma pesquisa de campo de caráter descritivo e exploratório, Deslandes (1994, p.31) ressalta que “A *fase exploratória* de uma pesquisa é, sem dúvida, um momento mais importante [...]”.

Portanto, a preocupação com a qualidade das obras selecionadas para a fundamentação teórica reflete a seriedade com a qual a análise dos resultados desse estudo foi desenvolvida. Segue abaixo um gráfico com as idades cronológicas das crianças.

Gráfico 1 – Idade dos alunos (as) do 4º ano B - 2013



Fonte: Elaboração própria.

Para obtenção da pesquisa, as crianças receberam diversas revistas e folhas de papel A4, além da consigna da professora para a execução da proposta, em que deveriam atribuir às figuras recortadas: nome, profissão, idade, características físicas, atividade que desenvolve e estado de saúde. Desses itens, três aspectos foram eleitos para a análise, sendo eles: a idade, a profissão e as características físicas. Para este último, considerou-se dois adjetivos para homens e dois para mulheres.

Os recortes das discussões e questionamentos foram categorizados para facilitar a compreensão da análise obtida que, segundo Gomes (2000, p.73):

Nem sempre a tarefa de formular categorias a partir dos dados coletados é simples. Às vezes, transformar essa tarefa pode se transformar numa ação complexa e isso só pode ser ultrapassado com a fundamentação e a experiência do pesquisador. Por outro lado, a articulação das categorias configuradas a partir dos dados com as categorias gerais também requer sucessivos aprofundamentos sobre as relações entre a base teórica do pesquisador e os resultados por ele investigados.

Resultados e Discussões

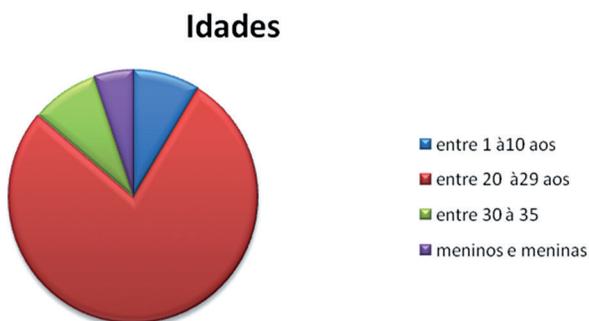
Os alunos mostraram suas produções com as imagens de diversas pessoas para que o debate pudesse ser iniciado. Durante todo o desenvolvimento e socialização da atividade, as crianças tiveram espaço para justificarem as suas escolhas e a maioria disse ter usado a “beleza como critério”. Após a conversa

interventiva com os alunos, foi possível observar a interiorização dos valores de pessoas próximas a eles e com isso evidenciou-se a reprodução de condutas sexistas e preconceituosas. De acordo com a fundamentação de categorias, segue abaixo a divisão das mesmas.

Idade

Cronologicamente o ser humano é marcado por números no qual denominamos de idade. Esse começa a ser contado logo após o seu nascimento. Na idade média, as idades da vida, assim como procuravam demarcar, “[...] eram também uma das formas comuns de conceber a biologia humana, em relação com as correspondências secretas internaturais.” (ARIËS, 1973, p. 6). Mas também temos outras idades psicológicas, porém a que mais nos chamar a atenção são as idades que os outros nos dão. As crianças por sua vez também aprende isto no seio familiar. Essa primeira questão possibilitou a elas esse entendimento. Ademais, a imagem corporal das revistas é atribuída à idade e aquela que mais chamaram a atenção das mesmas.

Gráfico 2 – Idades



Fonte: Elaboração própria.

Mediante a tais resultados relacionados à idade, pode-se verificar que dos 22 alunos somente dois meninos atribuíram acima de 30 anos para as mulheres selecionadas – para uma, 34 e para a outra, 35 anos. As demais giraram em torno dos 20 e 29 anos, tanto nas atividades dos meninos quanto das meninas. Teve um aluno que escolheu uma menina e lhe atribuiu 10 anos. Esta estava junto com um menino, do qual o aluno lhe atribuiu 11 anos. Três alunos deram abaixo de trinta anos – entre os 20 e 29 – e um aluno recortou um bebê, dando-lhe 2 anos de idade. Ao analisar as idades conferidas a homens e mulheres, houve uma preocupação em colocar mais idade para os homens. Acredito que, para isso, devam ter se atentado para a aparência, uma vez que, a julgar por elas, era esta a impressão que dava.

Profissão

Quanto à profissão das mulheres, tanto meninos quanto meninas escolheram:

Modelos, manequins, atrizes, cantora (uma) e miss (uma), fotógrafa (uma). Os meninos escolheram: artistas, modelos, estilista (uma) e bancária (uma).

Nesse sentido, observa-se que dentre as profissões eleitas estão aquelas em que as crianças entendem ser as mais almejadas pelas pessoas, sem ter consciência direta disso. Pode-se inferir que a influência da mídia, além das conversas informais nos ambientes em que estão inseridas, também funciona como um sinalizador desse resultado. Também podemos inferir que as indústrias prestam um (des)serviço ao consumidor, reforçando as desigualdades de gêneros por meio da produção de produtos estereotipados. Na sequência deste fato, a mídia perpetua a construção destes papéis binários. Nas revistas, especialmente as direcionadas ao público feminino, evidencia-se a ausência de debates políticos e econômicos, como se fossem assuntos exclusivos do universo masculino. De acordo com Swain (2001, p.70)

O feminino aparece reduzido a sua expressão mais simples e simplória: consumidoras, fazendo funcionar poderosos setores industriais ligados às suas características “naturais” domesticidade (eletrodomésticos, produtos de limpeza, móveis), sedução (moda, cosméticos, o mercado do sexo, do romance, do amor) e reprodução (produtos para maternidade/ crianças em todos os registros, da vestimenta/ alimentação aos brinquedos).

Diante do exposto, ainda há muito que se discutir com vistas a promover a equidade de gêneros, a começar pelos diálogos iniciados com crianças, com propostas de debates e reflexões destes padrões e estereótipos sexistas.

Características Físicas

Como última categoria de discussão e análise, o que se pode notar atualmente, tanto nos espaços escolares como em qualquer outro ambiente, diz respeito aos estereótipos de beleza e padrões sociais que são interiorizados pelas crianças, visto que os desenhos, novelas, revistas, dentre outros elementos, permeiam o universo infantil.

Para tanto, as crianças foram orientadas a atribuírem dois adjetivos para cada gênero— e o que mais se obteve como resposta de ambos – meninas e meninos – foram:

Magra/magro, bonita/bonito, alta/alto, cabelos loiros ou pretos, pele branca. Porém, os meninos não usaram “bonito” como adjetivo para os homens, e as meninas – algumas delas, – escreveram “feio” para as figuras masculinas.

Dentre as imagens masculinas, os meninos escolheram mais homens do que mulheres, e as idades predominantes ficaram na média dos 30 e 42 anos.

Sabe-se que heterogeneidade da sala de aula não permite o nivelamento de tais interpretações, nem mesmo os efeitos das ações exercidas pelo docente, até quando esse espera obter resultados homogêneos. Isso porque, de acordo com Goellner (2013, p.190)

Por certo que a escola não é um local que atua de forma semelhante e homogênea sobre a educação dos corpos e dos sujeitos. Nesse sentido, não há como mencionar uma maneira única de educação dos corpos, pois ela envolve processos e espaços tão diversos quanto necessários.

Nas discussões que seguiram para esse item, todos e todas puderam verbalizar o motivo de suas escolhas, justificando-as em tom de conversa informal. Logo tais códigos sociais foram sendo expressos durante o debate, e a diversidade de opiniões, verificada. Segue abaixo um trecho da conversa.

Um menino se manifestou dizendo que tinha escolhido o Neymar porque joga bola, mas não o achava “bonito”. Um segundo aluno disse que achava o jogador bonito e os demais mostraram-se indignados. Um terceiro aluno completou dizendo que não é normal achar homem bonito e o mesmo aluno que defendeu essa possibilidade questionou-o se não achava o seu pai bonito. Ele disse que era diferente, mas não soube argumentar mais nada. Falou também que mulher achar mulher bonita é normal porque elas copiam as unhas, o cabelo, as roupas.

Apesar da descontração do ambiente, a professora manteve-se atenta às respostas e argumentos das crianças, preocupando-se em identificar indícios que confirmassem as hipóteses iniciais em relação ao discurso impregnado de estigmas, preconceitos e estereótipos de beleza expostos pelas mesmas, como dito acima. Nesse sentido, o respeito mútuo e concessão do espaço para o diálogo representaram uma relação horizontal estabelecida entre docente e discente, privilegiando a construção coletiva do conhecimento, partindo do contexto familiar e social de cada criança.

Para Junqueira (2013, p. 13)

[...] Vale ressaltar: se quisermos construir um modelo educacional efetivamente incluso, precisamos repensar os valores hegemônicos (e as relações de poder) que nortearam, até aqui, a edificação de uma escola para poucos. Assim, é preciso também debater critérios de que nos valemos para avaliar e classificar o mundo, as coisas, as pessoas e as atitudes; construir dialogicamente novas regras, novas formas de convívio; repensar o currículo e conceber novas formas de ensinar e aprender [...].

Portanto, romper com antigos modelos de ensino em que colocam alunos como receptores passivos do processo de ensino e aprendizagem reacende uma esperança, ao mesmo tempo em que sinaliza para novas perspectivas que incluem também as questões de sexualidade e relações de gênero.

Considerações Finais

No presente estudo discorreremos sobre os tabus identificados na educação formal mediante uma experiência realizada com estudantes de um 4º ano do ensino fundamental I, vinculados à sexualidade e às questões de gênero no contexto escolar. A atividade aplicada revelou os conceitos que as crianças carregam em relação ao que consideram como características fundamentais para distinguir homens de mulheres, revelando a presença de estereótipos que antagonizam o universo masculino e o feminino. Além dessa diferenciação de gênero, os estereótipos de beleza também protagonizaram as escolhas das imagens, bem como os discursos empregados em suas falas no momento da socialização da atividade.

Neste sentido, admite-se que falar em sexualidade nos diversos aspectos dos quais ela abrange ainda é um campo que necessita de cautela para a sua inserção, quer seja nos contextos escolares, familiares e/ou outros espaços sociais, razão pela qual procurou-se delinear durante as articulações entre a experiência analisada e a literatura existente sobre o assunto.

Contudo, mesmo constatando todas essas questões expostas no estudo, à intervenção da professora para a referida atividade significou uma possibilidade de reflexão com vistas a possíveis mudanças de comportamentos nas crianças, desde que propostas como essas não sejam aplicadas esporadicamente, mas que sejam incorporadas no projeto político pedagógico da escola, assim como projetos didáticos ou abordagens interdisciplinares mediante um planejamento organizado para essa finalidade e pedagogicamente sistematizado. Neste sentido, a repercussão de boas situações de aprendizagens dentro da escola, envolvendo as questões de Educação em Sexualidade e relações de gênero, pode contribuir para um novo olhar diante da nossa realidade escolar, que poderão possibilitar modificações na comunidade, diminuindo assim, a violência de gênero, o preconceito, o sexismo e os modos de exclusão.

Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução de Dora Flaksmsn. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

_____. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara: 1973.

BRASIL. Lei nº 11.274, de 6 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, 7 fev. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2006/Lei/L11274.htm>. Acesso em: 20 set. 2015.

_____. Lei nº 11.114, de 16 de maio de 2005. Altera os arts. 6o, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. **Diário Oficial [da] União**, Brasília, 17 maio 2005. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2004-2006/2005/Lei/L11114.htm>. Acesso em: 20 set. 2015.

CHAUÍ, M. **Repressão sexual, essa nossa (Des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: MINAYO, M. C. de S. [et al.] **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 24.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994. p.31-50.

GOMES, R. A análise de dados em pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, métodos e criatividade**. 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GOELLNER, S. V. O CEMEF/UFGM: partilhando experiências, produzindo saberes, inspirando sonhos. In: LINHALES, M. A.; NASCIMENTO, A. (Org.). **Organizando arquivos, produzindo nexos: a experiência de um Centro de Memória**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2013. p.187-194.

GUIMARÃES, I. **Educação sexual: mito e realidade**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

JAGSTADT, V. **A sexualidade da criança**. São Paulo: Manole, 1987.

JUNQUEIRA, R. D. Por uma pedagogia da diversidade de corpos, gênero e sexualidade. In: SILVA, F. F. da [et al.]. **Sexualidade e escola: compartilhando saberes e experiências**. 3.ed. rev. Rio Grande: Ed. da FURG, 2013. p.8-14.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

MARTINS, J. J. **Como escrever trabalhos de conclusão de curso: instruções para planejar, redigir e apresentar trabalhos monográficos e artigos**. 6. ed. rev. e atual. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

PARADA, M. Corpos infantil e nacional: políticas públicas para a criança durante o Estado Novo. In: PRIORE, M. D.; AMANTINO, M. (Org.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2011. p. 351-370.

A percepção do corpo feminino e masculino através do olhar das crianças: uma experiência em sala de aula

PEREZ, L. E. Corpo-a-corpo pela vida. **Revista Humanidades**, Brasília, ano V, n.19, p.65-72, 1998.

SANTOS, L. H. S. **Heteronormatividade e educação**. [s.l.: s.n.], 2007. no prelo.

SWAIN, T. N. Feminismo e recortes do tempo presente: mulheres em revistas “femininas”. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, n.3, p.67-81, jul./set. 2001.

Resumo

*A percepção do corpo feminino e masculino através do olhar das crianças: uma experiência em sala de aula*⁴

O ensino fundamental I do nosso sistema educacional brasileiro encontra-se envolto de temas tabus e polêmicos concernente às questões de sexualidade. Os padrões de beleza e as questões de gêneros heteronormativos existentes em nossa sociedade produzem nas crianças modelos comportamentais estereotipados, estimulados pelos mais diversos meios sociais e (in)formativos. O presente estudo tem como objetivo investigar as percepções de crianças com idades entre nove e onze anos, matriculadas em uma escola estadual do interior do estado de São Paulo, acerca dos corpos masculinos e femininos encontrados em revistas diversificadas. Para tanto, a pesquisa consistiu na investigação empírica de caráter analítico-descritivo, por meio da abordagem qualitativa. A coleta dos dados utilizados para análise versou sobre uma proposta de atividade apresentada pela professora, em que consistiu na seleção de imagens masculinas e femininas presentes em revistas diversificadas, cabendo às crianças eleger tais imagens por meio de critérios pessoais. Em linhas gerais, essa atividade possibilitou uma discussão que girou em torno de questões localizadas no campo da sexualidade e das relações de gênero, pois foram concedidos espaços para se ouvir os alunos/as e suas percepções sobre o assunto, mediadas pela intervenção da professora. No entanto, não houve interferência nas respostas crianças no sentido de direcioná-las, mas de conduzir o discurso de maneira respeitosa e reflexiva. O resultado evidenciou a incorporação dos estereótipos sociais reproduzidos pelas crianças, desde a escolha que fizeram até as características bem definidas e demarcadas entre as imagens e as funções realizadas por homens e mulheres; suas idades, profissões e características físicas, em campos quase sempre opostos. Esta identificação foi evidenciada tanto por meio das imagens selecionadas por elas quanto por suas falas ao justificarem as escolhas realizadas. Dessa forma, consideramos a relevância deste estudo por proporcionar uma reflexão em relação à percepção das crianças no tocante a beleza dos corpos e dos papéis sociais exercidos em nossa sociedade, estimulados e identificados por meio das imagens contidas em revistas generalizadas e pelos discursos construídos em suas expressões. Tais discursos revelaram a naturalização dos papéis binários e desiguais entre as funções atribuídas a homens e mulheres, bem como aos padrões de estereótipos de gêneros ligados a vaidade, consentida para mulheres, mas não para homens. As características físicas também foram identificadas como padrões estereotipados, tanto em relação aos perfis comuns (magro/a, alto/a, loiro/a) quanto aos localizados em campos distintos (cabelos curtos para homens, longo para mulheres). Da mesma forma, as roupas e acessórios se constituíram enquanto objetos observáveis das crianças, distinguidos entre os de uso masculino e feminino. Diante destas evidências, confirmou-se a incorporação de conceitos e preconceitos arraigados historicamente pela sociedade ocidental, dos quais acabam sendo associados à função biológica que difere homem e mulher e que são cristalizados como verdades incontestáveis. A omissão destes debates em sala de aula camufla a necessidade de discuti-los e desconstruí-los, pois ao subjuga-los, cria-se a ilusão de que são irrelevantes e inoportunos em razão do silêncio/proibição que lhes conferem. Em contrapartida, propostas como esta desvelam o quão aparente é esta ideia, constituindo-se numa relação de poder que perpetua as desigualdades de gênero.

Palavras-chave: Criança. Escola. Estereótipo. Relações de gênero. Sexualidade.

⁴ Artigo enviado ao 10º prêmio do Concurso *Construindo a Igualdade de Gênero* em 17/03/2015. Disponível em: <<http://www.igualdadedegenero.cnpq.br/igualdade.html>>. Acesso em: 17 mar. 2015.

Abstract

The male and female body perception through the children's point of view: an experience in the classroom

The elementary schools of our Brazilian educational system are shrouded with tabooed and controversial themes, concerning to the matters of sexuality. The beauty standards and the matters of current heteronormative genders in our society form in children stereotyped behavioral models, stimulated by the most diverse social and (in) formative environments. This study's objective is to investigate how children within the age of nine to eleven years old, enrolled in a public school in the state of São Paulo, perceive the male and female bodies found in various magazines. Therefore, the research consisted in an empirical investigation with analytical and descriptive nature, through qualitative approach. The data collection used for the analysis expounded on an activity proposal presented by the professor, that consisted in the selection of various images of males and females contained in several magazines, where the children are responsible for electing those images though personal criteria. In fine lines, this activity allowed a discussion centered on the sexuality and gender relations fields, because a space was granted for the students' opinions and perceptions, in this topic, to be heard, mediated by the professor. However, there was no interference to incline the children's response, but rather to conduct the conversation in a reflexive and respectful way. The result revealed the incorporation of social stereotypes incorporated by the children, from the choices they made, to the well-defined characteristics between the images and the functions performed by men and women; their age, career and physical characteristics in fields almost always opposite. This identification was evidenced by both the selected images and the reason why the children chose the images. In this way, we have considered the relevance of this study because it provides a reflection on the children's perception of beauty and the exercised social roles in our society, stimulated and identified through magazine images and the speeches contained in their expressions. Such speeches revealed the naturalization of the binary and unequal gender roles attributed to men and women, as well as the stereotypical gender standards connected to vanity, consented to women, but not to men. The physical features were also identified as stereotypical, both the general (thin, tall, blond) and the specific to different fields (short hair for men, long for women). In that same way, clothes and accessories that were observed by the children were also distinguished between the male and female usage. Facing such evidences, it was confirmed the incorporation of concepts and preconceptions, historically rooted in Western society, those that which end up being associated with the biological function that differs men from women and that are crystalized as incontestable truths. The omission of these debates in the classroom camouflages the necessity of debating and deconstructing them, creating the illusion that they are irrelevant and inopportune in light of the silence or prohibition that are bestowed upon them. In contrast, proposals like this one unfold how clear this idea is, creating a relation of the power that perpetuates the gender inequality.

Keywords: Children. School. Stereotype. Gender relations. Sexuality.